

## **Tradução transcultural de *The Buddha in the Attic*, Julie Otsuka, para o português brasileiro em *O Buda no Sótão*, por Lilian Jenkino**

*Traducción transcultural de *The Buddha in the Attic*, Julie Otsuka, al portugués brasileño en *O Buda no Sótão*, por Lilian Jenkino*

**Aline Yuri Kiminami<sup>1</sup>**

**Liliana Cristina Marins<sup>2</sup>**

### **Resumo**

No processo de tradução de para outra língua, um texto é reconstruído e “contaminado” ideológica e discursivamente por diferentes vozes que atravessam os sujeitos envolvidos nessa prática. Se considerarmos que no texto *The Buddha in the Attic*, Julie Otsuka traduz a cultura e vivência dos imigrantes japoneses para a língua inglesa ao escrever a obra, acreditamos que o processo de tradução para o português por Lilian Jenkino consistiria, assim, em um segundo movimento tradutório. Buscamos, através desta proposta, analisar escolhas tradutórias transculturais, que envolvem a cultura japonesa, estadunidense e brasileira, presentes nesse processo tradutório dobrado, trabalhando com/na condição fronteiriça (GENTZLER, 2009) que ocupa o oriental enquanto outro, fora de seu país de origem. Com base em autores como Venuti (2019), busca-se discutir a posição da tradução, que está localizada em um espaço fronteiriço entre a língua de partida e a língua de chegada, entre a cultura do outro e a “minha” cultura, entre o contexto de produção do “original” e o contexto de recepção da tradução, entendendo também que se encontra nesse entre-lugar o sujeito da diáspora (BHABHA, 1998), ou seja, os imigrantes japoneses nos Estados Unidos e seus descendentes, cujas histórias são narradas em *The Buddha in the Attic* e a forma como essa vivência foi traduzida para o português brasileiro.

Palavras-chave: Entre-lugares; Texto literário; Tradução.

### **Resumen**

En el proceso de traducción de otro idioma, un texto es reconstruido y “contaminado” ideológica y discursivamente por diferentes voces que cruzan los sujetos involucrados en esta práctica. Si consideramos que en el texto *The Buddha in the Attic*, Julie Otsuka traduce la cultura y la experiencia de los inmigrantes japoneses al inglés al escribir la obra, creemos que el proceso de traducción al portugués de Lilian Jenkino consistiría así en un segundo movimiento de traducción. Por consiguiente, buscamos analizar las opciones de traducción transcultural, que involucran la cultura japonesa, estadounidense y brasileña, presentes en este proceso de doble traducción, trabajando con/en la condición de frontera (GENTZLER, 2009) que ocupa el Oriental como el Otro, que se encuentra fuera de su país de origen. A partir de autores como Venuti (2019), buscamos discutir la posición de la traducción, que se ubica en un espacio fronterizo entre el idioma de origen y el idioma de destino, entre la cultura del otro y “mi” cultura, entre el contexto de producción del “original” y el contexto de recepción de la traducción, entendiendo también que en este entre lugar está el sujeto de la diáspora (BHABHA, 1998), o sea, los inmigrantes

---

<sup>1</sup> (Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Maringá, Paraná, Brasil; [alinekiminami@gmail.com](mailto:alinekiminami@gmail.com)).

<sup>2</sup> (Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Maringá (UEM); Maringá, Paraná, Brasil; [alinekiminami@gmail.com](mailto:alinekiminami@gmail.com)).

japoneses de los Estados Unidos y sus descendientes, cuyas historias están narradas en *The Buddha in the Attic*, asimismo como esta experiencia fue traducida al português brasileiro.

Palabras clave: Entre lugares; Texto literario; Traducción.

## 1. Introdução

Ao considerar que no Brasil há uma comunidade significativamente extensa de descendentes de japoneses, a tradução de *O Buda no sótão* torna-se responsável por traduzir não apenas uma língua, mas culturas e identidades dos nipo-brasileiros. Além disso, a literatura nipônica no Brasil se mostra invisibilizada, pois, apesar de termos acesso a animes, mangás e jogos, as obras literárias escritas por japoneses e seus descendentes raramente compõem o programa disciplinar de escolas ou cursos universitários, e poucas se encontram disponíveis nas livrarias e bibliotecas do país. Mesmo nos Estados Unidos, de acordo com Otsuka, em entrevista realizada por Sobota (2014) sobre *O Buda no sótão*, sabe-se pouco sobre a imigração japonesa. Um número muito pequeno dessa literatura que enfoca a cultura e o povo japonês chega até nós e, quando chega, o acesso se dá unicamente via tradução. É nesse sentido que a tradução exerce um poder significativo na construção de representações de culturas estrangeiras, uma vez que, como Venuti (2019) ressalta, a tradução cria imagens de certos grupos para outros.

Nesse sentido, a identificação ou não-identificação de um sujeito frente a certos atributos simbólicos de uma cultura se mostra determinante para que identidades sejam construídas ou desconstruídas, particularmente a identidade coletiva ou cultural. Isso porque a cultura dita “nacional” está, segundo Hall (2003), atrelada a uma comunidade simbólica, um sistema de representação cultural que forma identidades e produz sentidos.

O objetivo deste estudo é, assim, analisar escolhas tradutórias transculturais presentes em um processo tradutório dobrado, que perpassa a cultura japonesa, a estadunidense e a brasileira, trabalhando com/na condição fronteiriça (GENTZLER, 2009) ocupada pela tradução cultural do outro oriental imigrante.

## 2. Tradução transcultural de *The Buddha in the Attic* para o português brasileiro

Devido à sua representatividade literária, *The Buddha in the attic* foi traduzido para mais de 20 idiomas, incluindo o português brasileiro em 2014.

Em uma tradução transcultural como esta, na qual as fronteiras entre as culturas americana, japonesa e brasileira parecem borradas, é interessante pensar como as marcas culturais podem estar materializadas no texto de partida e em sua tradução. Segundo Arroyo, o processo que abarca o “poder colonial e [sua] ruptura [os quais estão] envolvidos na mistura de mais de uma cultura ‘original’ com outra: linguística, racial e economicamente” (ARROYO, 2016 p.136) pode ser denominado de transculturação.

Entre essas marcas transculturais na/pela tradução, destacamos a escolha da tradutora Lilian Jenkino pelo termo “coolies”, que aparece no capítulo *As Crianças*. Na cena, as narradoras criticam os comportamentos expansivos de seus filhos, que estão cada vez mais ocidentalizados e distantes de sua cultura de origem. Ao descrever a forma como seus filhos e filhas falavam, as mães utilizam o termo “coolies”, que se refere a trabalhadores braçais de origem asiática e que é incomum no português.

A tradutora escolheu traduzir coolies por “boias-frias”, que representa, na língua portuguesa, trabalhadores braçais, principalmente aqueles que atuam nas lavouras e tem

origem, segundo Freitas (2020), nas marmitas frias que comem esse tipo de trabalhador. No entanto, o termo geralmente se refere a trabalhadores (semi)analfabetos, sem qualificações profissionais e sujeitos a condições árduas de trabalho. Ao escolher a palavra “boia-fria”, a tradutora ressignifica os sentidos, localizando a cultura dos imigrantes japoneses no Brasil, os quais vieram para trabalhar nas fazendas de maneira análoga às condições dos boias-frias.

Outra escolha significativamente representativa em termos culturais foi a tradução de “*sharecropping*” por “meeiras”. Tal escolha aproxima o leitor brasileiro de um entendimento do sistema de exploração a que estavam sujeitos os imigrantes japoneses no contexto estadunidense de forma muito mais política e culturalmente marcada do que o termo “arrendatárias”, por exemplo, suscitando nuances de significação que apontam para uma situação de injustiça social e submissão dos trabalhadores, assim como aconteceu com os outros tipos de trabalhadores no Brasil. Isso porque o termo “*sharecropping*” não é uma simples forma de locação ou remuneração laboral, mas uma maneira do proprietário das terras se apropriar da mais-valia produzida pelos trabalhadores, assim como o termo “meeiro”, em português, referia-se aos ex-escravizados que submetiam-se a uma condição de subserviência nos serviços de lavoura e criação de seus patrões.

Nas escolhas tradutórias observadas, é possível ver a tarefa de coautor que possui o tradutor, porque, “ao traduzir, modifica, sempre e inevitavelmente, o texto que interpreta, produzindo novos significados” (VENUTI, 1998, p. 8). O ato tradutório de *The Buddha in Attic* para o português contribui, assim, para a construção e representação de identidades culturais frente à exposição das chagas dos imigrantes japoneses também no Brasil.

### Referências

ARROYO, J. *Transculturation, syncretism, and hybridity*. Critical Terms in Caribbean and Latin American Thought. Palgrave Macmillan, New York, 2016.

FREITAS, E. de. "Boias-Frias"; Brasil Escola. Disponível em:  
<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/boia-frias.htm>. Acesso em 24 de agosto de 2020.

GENTZLER, E. *Teorias contemporâneas da tradução*. Trad. Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. SP: DP&A Editora, 2003.

OTSUKA, J. *The Buddha in the Attic*. 1ed. New York: Alfred A. Knopf, 2011.

OTSUKA, J. *O Buda no Sótão*. Tradução Lilian Jenkino – 1ed. São Paulo: Grua, 2014.

VENUTI, L. O escândalo da tradução. In *Tradterm*, 3, 99-122, 1996.

SOBOTA, G. 'O Buda no Sótão' narra a saga dos japoneses nos Estados Unidos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 Out. 2014. Disponível em:  
<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,o-buda-no-sotao-narra-a-saga-dos-japoneses-nos-estados-unidos,1580358>. Acesso em: 25 jun. 2020.

